TRIVIIS
Anais de **Conferências** e **Mesas** de **Debates** do
Seminário Internacional de Pesquisas
em **Midiatização** e Processos Sociais

Circuitos do ódio na midiosfera de extrema direita[1]

Circuits of Hate in the Far-Right Mediosphere

Aline Roes Dalmolin[2]

Resumo: O capítulo busca estudar o ecossistema midiático da extrema direita no Brasil, com foco na caracterização de como os meios de comunicação da extrema direita utilizam as plataformas em seu contexto específico no Sul Global. Serão discutidas algumas particularidades do contexto comunicacional brasileiro, caracterizado pela plataformização e pelo uso intensivo de tecnologias, associado ao subdesenvolvimento econômico e a baixos níveis de educação formal e de letramento midiático. Também será analisada a circulação de discursos de ódio e desinformação nesse meio e problematizadas as consequências dessa circulação para as sociedades democráticas.
Palavras-chave: midiatização; plataformas; midiosfera; extrema direita.

Abstract: This chapter aims to study the media ecosystem of the far right in Brazil, focusing on how far-right media outlets utilize platforms within their specific context in the Global South. It will discuss certain particularities of the Brazilian communication landscape, characterized by platformization and intensive use of technologies, combined with economic underdevelopment and low levels of formal education and media literacy. Additionally, the circulation of hate speech and disinformation within this ecosystem will be analyzed, along with a critical examination of the consequences of this circulation for democratic societies.

[1] Conferência apresentada no VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP na "MESA 2 — Classificações: da filosofia-ciência ao ódio classificatório".

[2] Professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Possui doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2012). Realizou estágio pós-doutoral em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria (2014) e atualmente cursa pós-doutorado na Universidad Nacional de Rosario (UNR).

Keywords: mediatization; platforms; mediasphere; far right.

1. Introdução

O uso de plataformas digitais no Brasil vem sendo amplamente difundido nos últimos anos, com o WhatsApp destacando-se como a principal plataforma adotada em todos os segmentos sociais e regiões do país, apresentando uma taxa de utilização que aumenta a cada ano e atinge níveis muito próximos à totalidade de usuários em diversos setores da sociedade. Conforme Cruz e Harindranath (2020), tanto o Telegram quanto o WhatsApp podem ser compreendidos como "tecnologias de vida", uma vez que mediam aspectos fundamentais da vida social, fundindo esferas públicas e privadas em um modelo de comunicação multimodal e semipública. Entretanto, o amplo acesso às tecnologias digitais não é acompanhado por um nível proporcional de literacia midiática, criando um ambiente propício para a propagação de desinformação.

Ao mesmo tempo, lidar com desinformação, discurso de ódio e disputas envolvendo polarização política no ambiente digital torna-se cada vez mais parte do cotidiano dos brasileiros, o que também vem gradativamente se acirrando na última década. Os últimos dois processos eleitorais para a Presidência da República, a pandemia da Covid-19 e os atos antidemocráticos do dia 8 de janeiro de 2023 em Brasília são momentos paradigmáticos de como estes fenômenos vem impregnando os processos sociais no país.

Adotamos aqui a perspectiva de que a desinformação (Dalmolin, 2024) deve ser entendida como um produto resultante de circuitos comunicacionais inseridos no contexto de uma sociedade midiatizada em processo de plataformização (Van Dijck, 2013; Van Dijck, Poell e De Wall, 2018; Fernández, 2021). Tal abordagem teórico-metodológica visa analisar esses processos comunicacionais em sua complexidade, evitando reduzi-los a aspectos instrumentais ou a simples subprodutos de estratégias políticas. A compreensão da desinformação, considerando suas interações sociais, tecnológicas e culturais, torna-se essencial diante da necessidade emergente de mitigar seus impactos, especialmente em relação aos riscos que ela representa para a democracia e para a manutenção do equilíbrio social.

O presente capítulo explora a midioesfera de extrema direita no Brasil, um ecossistema estruturado de disseminação de ódio, discurso extremo (Udupa, 2023) e desinformação (Bennett & Livingston, 2018; Dalmolin, 2024). Situamos a midiosfera no contexto da quarta onda da extrema direita (Mudde, 2023), percebendo este ecossistema como um motor fundamental para a erosão democrática no contexto do Sul Global. A midiosfera de extrema direita compõe-se por uma gama de atores interconectados, que se engajam em diversas modalidades de circuitos interacionais, através de um amplo conjunto de possibilidades comunicacionais e biopolíticas.

O texto articula noções como ódio como fato social na sociedade incivil (Sodré 2021), circuitos e dispositivos interacionais (Braga, 2017), midiatização da vida cotidiana (Verón, 1997, 2004, 2013) e plataformização (Van Dijck, Poell e De Wall, 2018). Propõe-se analisar os fluxos circulatórios que ocorrem entre cada nível da midiosfera, em suas articulações através das plataformas. Esses circuitos mantêm uma tensão constante sobre a esfera pública capitalista.

Nesse sentido, a análise das classificações subjacentes aos algoritmos e plataformas deve ser contextualizada pela dinâmica da circulação, abrangendo os processos de recepção e constituição de circuitos. Isso torna mais relevante a compreensão desse fenômeno à luz dos conceitos de midiatização.

2. Circulação do ódio em plataformas no Brasil

A primeira semana de janeiro de 2023 representou uma intensa movimentação nos grupos bolsonaristas no Telegram. A circulação se deu a partir de uma ampla gama de tipologias de informações: textos, vídeos, imagens e áudios que mobilizaram os participantes para o ato na Esplanada dos Ministérios, em Brasília-DF, no dia 8 de janeiro de 2023. Grande parte deste conteúdo refere-se a informações falsas sobre uma suposta intervenção militar, que inflamaram com sentimentos antidemocráticos os interagentes do grupo, já revoltados diante do resultado das urnas desfavorável ao candidato que apoiavam, o então presidente da República, Jair Bolsonaro. Esta dinâmica de compartilhamento de conteúdo após as eleições de 2022 evidencia os processos de fixação de crenças no âmbito de um ecossistema de *fake news* e discursos de ódio, composto por informações falsas, distorcidas ou enganosas, na qual a disputa pela

verdade configura-se como componente fundamental (Ribeiro, Mendes e Alzamora, 2023).

Os grupos de Telegram e Whatsapp foram o espaço preferencial dos bolsonaristas radicais para a mobilização para os atos terroristas, contudo, uma ampla gama de tipos de informação e modos de utilização foram acionados através destas redes. A plataforma russa Telegram marca presença importante dentre os bolsonaristas e também para a comunicação política. Ela é muito usada em contextos de desinformação e propaganda política por garantir o anonimato de seus participantes, o que gera dúvidas sobre a independência e a confiabilidade das informações que circulam nesta plataforma (Belinskaya, 2023).

A análise das mensagens trocadas entre os integrantes de um grupo de Telegram na primeira semana de 2023, anterior ao ato terrorista ocorrido em 8 de janeiro, revela uma escalada de emoções entre os participantes (Dalmolin e Mathias, 2024). Essas mensagens variam entre expressões de descrença e revolta em relação ao cenário político e manifestações de entusiasmo exacerbado e esperança na possibilidade de reversão do contexto político, sustentadas pela crença na iminência de um golpe. Destaca-se, por outro lado, a adoção de estratégias voltadas a contornar o funcionamento dos algoritmos na detecção e combate à desinformação na plataforma, como o uso de códigos (Afonso e Soares, 2023; Fonseca e Scofield, 2023) e a disseminação de mensagens convocatórias veiculadas por meio de fotografias contendo frases manuscritas em folhas de papel. Muitos desses conteúdos, bem como determinados grupos, tornaram-se inacessíveis devido a bloqueios determinados pelo Supremo Tribunal Federal (STF), que ordenou a suspensão de diversos grupos golpistas ainda no período pós-eleitoral. Essa ação fiscalizatória por parte do judiciário brasileiro vem acarretando em uma série de ações por parte das próprias plataformas, que desenvolvem estratégias para desviar das práticas regulatórias ao mesmo tempo que suas lideranças manifestam sua contrariedade ao que seriam práticas de “censura” do STF.

A midiatização da vida cotidiana, conforme Verón (1997, 2004, 2013), refere-se à condição em que os modos de vida dos indivíduos são impactados pelas interações mediadas pelos meios de comunicação em suas rotinas. Essas interações modificam as práticas, ações e percepções de tempo e espaço, resultando em uma complexificação das

relações sociais e da própria sociabilidade dos sujeitos. A platformização, conforme definido por Van Dijck, Poell e De Wall (2018), é caracterizada como o processo em que a circulação da informação passa a ocorrer predominantemente por meio de plataformas digitais. Essas plataformas são estruturas tecnológicas desenvolvidas para mediar e organizar interações entre os usuários, priorizando a coleta sistemática de dados, o processamento por algoritmos, a distribuição de conteúdos e a transformação de informações em dados quantificáveis. Entendemos a circulação de desinformação como um fenômeno da sociedade midiatizada em processo de plataformização (Van Dijck, Poell e De Wall, 2018). Esta refere-se ao processo no qual as informações passam a circular prioritariamente através das plataformas, arquiteturas digitais projetadas para organizar interações entre usuários, com foco na coleta sistemática, processamento algorítmico, circulação e monetização de dados (Van Dijck, Poell e De Wall,, 2018). Conforme os autores, plataformas não podem ser vistas de forma separada, pois seu funcionamento se dá no âmbito de um ecossistema, no qual um conjunto de plataformas em rede são regidas por um conjunto particular de mecanismos.

Outro aspecto a ser considerado se refere à circulação destes discursos no contexto midiatizado. Braga (2012) compreende que a circulação se manifesta em sociedade através de circuitos comunicacionais, os quais não se restringe a produtos que circulam nem a momentos diretamente midiáticos, mas a complexas interações sociais e a processos em "fluxo adiante", ou seja, que ocorrem de maneira contínua. Conforme o autor, estes circuitos "são culturalmente praticados, são reconhecíveis por seus usuários e podem ser descritos e analisados por pesquisadores" (Braga, 2012, p. 41).

3. A midiosfera de extrema direita

Conforme Cesarino (2022), a plataformização da sociedade organizou uma infraestrutura invertida, constituída pela produção de usuários humanos como ambiência para o agenciamento dos sistemas algorítimicos. As novas mídias promovem uma dinâmica sistêmica marcada pela antiestruturalidade, em função da crise do centro estruturador da sociedade (Cesarino, 2022). Conforme a autora, o colapso desse centro permite que a antiestrutura ganhe visibilidade, gerando uma tensão no sistema que o faz dobrar sobre si mesmo, aproximando seus extremos em um movimento que inverte a

lógica estrutural tradicional. Com isso, modelos como de reconhecimento universal como o Estado democrático e a esfera pública liberal sofrem o englobamento por modelos de reconhecimento bifurcado, nos quais situam-se indivíduos cujas relações são mediadas por lógicas neoliberais, com reconhecimento de base particularista (Cesarino, 2022).

Este contexto colapsado, no qual se reproduzem as lógicas invertidas para as quais chama a atenção Cesarino (2022), é definido por Muniz Sodré (2021) como uma "sociedade incivil", um bios virtual, uma ordem social estruturada e regulada pelas tecnologias de comunicação. Em contraste com as trocas comunicativas idealizadas pela utopia da globalização mediática, a sociedade incivil manifesta-se por meio da proliferação da irracionalidade, substituindo a racionalidade discursiva como princípio organizador (Sodré, 2021).

Em termos políticos, isso repercute-se no fenômeno da emergência da extrema-direita, que ocorre não apenas no Brasil mas em nível mundial (Mudde, 2019). Neste contexto, sentimentos de extrema direita são demonstrados de forma aberta através da mídia e da própria política, tornando seus partidos aceitáveis para a formação de formar coligações ou mesmo ocupar os postos mais importantes do Governo, fazendo com que suas políticas sejam adotadas, ou mesmo aceitas, em forma mais moderada, pelos partidos tradicionais (Mudde, 2019).

Já em termos comunicacionais, as ideias de Cesarino (2022) e Sodré (2021) podem ser aproximadas do que Silveira (2024) chama de "midiosfera disruptiva", através da qual a autora discute criticamente o surgimento de uma nova instância comunicativa, que emerge como uma categoria epistêmica voltada para a análise de um ecossistema midiático que se tornou particularmente evidente na última década. Conforme Silveira (2024), a midiosfera disruptiva distingue-se da midiosfera institucional quanto da midiosfera alternativa, que constituem-se basicamente pelos veículos tradicionais corporativos e de organizações, com as quais forma o tripé que caracteriza os sistemas midiáticos contemporâneos.

Neste contexto, chamamos a atenção para um fenômeno situado no âmbito da midiosfera disruptiva, que constitui-se na midiosfera de extrema direita no Brasil, que torna possível a presença no espaço público das ideias ligadas a este espectro político e que foi fundamental para a quase concretização de um golpe antidemocrático no dia 8 de

janeiro de 2023. No entanto, para além de um fenômeno que proporciona uma ambiência para estruturar posições e ações políticas, a midiosfera de extrema direita constitui-se a partir de peculiaridades comunicacionais, que tornam necessário um olhar mais aprofundado no sentido de tomar conhecimento de suas processualidades.

Conforme Rocha (2021, 2023), a midiosfera de extrema direita trata-se de um sistema comunicativo fundamentado no princípio da "guerra cultural", que serve de alicerce para o projeto político autoritário promovido pela extrema direita no Brasil. A retórica do ódio, aliada à dissonância cognitiva, constitui o motor propulsor dessa engrenagem, configurando uma pedagogia distorcida que fomenta a desumanização do outro. Por meio da dissonância cognitiva, é elaborada uma realidade alternativa, na qual fantasias são legitimadas como verdades incontestáveis (Rocha, 2023).

Na midiosfera de extrema direita, a mecânica de distribuição de conteúdo ocorre de forma articulada na rede, tanto em interações orgânicas quanto impulsionadas. Realiza-se por elementos humanos mas também através de *trolls, robots* e práticas automatizadas. Desse modo, a força da midiosfera de extrema direita também se revela através do acúmulo informacional gerado pelo *big data*, com a produção de imensa quantidade de informações geradas principalmente a partir dos *alt right* media e pela *hyperpartisan media*. Estas ações consistem em um amplo conjunto de possibilidades comunicacionais e biopolíticas, que visam a construção de inimigos e são difundidas pelos meios alternativos (Silva, 2020).

Os *alt right media* consistem em websites de notícias que mimetizam os modos de apresentação e os protocolos de atuação do jornalismo tradicional e que buscam distribuir desinformação de forma estratégica (Bennett e Livingstone, 2018). Conforme Bennett e Livingstone (2018), o termo surgiu nos Estados Unidos e inicialmente era usado para designar as mídias próprias de nacionalistas "*white power*" e neonazistas, mas hoje designa sites e plataformas que produzem e distribuem desinformação no sentido de desestabilizar instituições e grupos políticos opositores.

No Brasil, a mídia *alt-right* é composta, predominantemente, por veículos "nativos digitais", ou seja, concebidos diretamente no contexto da plataformização, em contraste com veículos tradicionais que, eventualmente, alinham-se à perspectiva política de direita, como a Jovem Pan e os veículos do grupo Record. Estes veículos apresentaram

um crescimento exponencial durante o governo Bolsonaro, impulsionados por um conjunto de estratégias digitais que incluem a articulação da midiosfera de extrema direita e a adoção de práticas consolidadas no ambiente digital, como o uso de *backlinks* para aumentar a relevância de determinadas publicações, de modo a serem recomendadas por motores de busca (Rudnitzki; Scofield, 2020). A maioria desses veículos possui forte presença em plataformas como YouTube, Instagram e Facebook, caracterizando-se como portais de conteúdo, embora alguns também mantenham versões impressas. Exemplos de veículos *alt-right* incluem os portais "Gazeta do Povo", "Revista Oeste", "Jornal da Cidade", "Pleno News", "Terra Brasil Notícias" e "Conexão Política".

Já a mídia hiperpartidária (Larsson, 2020) constitui-se por influenciadores digitais, que desempenham um papel significativo na formação de opiniões políticas dentro do universo da extrema direita. Esses atores mantêm perfis ativos em múltiplas plataformas digitais, dedicando-se à remediação extensiva de conteúdos nessas redes. O êxito dos meios de comunicação hiperpartidários está intrinsecamente associado ao alto nível de engajamento de seus seguidores, que contribuem para a amplificação e disseminação de suas narrativas.

Esta ação se dá por vezes através de influenciadores digitais de outros nichos além do político, através de campanhas ou mesmo impulsionamento pago, como no caso da atuação de influenciadores digitais de estilo de vida em campanhas pelo chamado "tratamento precoce" durante a pandemia da Covid-19, conforme a análise de Mello dos Santos e Dalmolin (2023). Conforme apontado pelas autoras, a atuação das influenciadoras digitais analisadas na pesquisa contribuiu para a dinâmica de disseminação de percepções controversas em relação à conjuntura da pandemia, o que se dá no contexto negacionista e de perfil anticientífico de enfrentamento da Covid-19 pelo Governo do então presidente Jair Bolsonaro (Mello dos Santos e Dalmolin, 2023).

Conforme Carlón (2021), na sociedade hipermidiatizada surge o sistema das redes sociais midiáticas (da qual fazem parte as plataformas de redes sociais), que convive com o sistema formado anteriormente da mídia massiva e com um terceiro sistema que estaria em fase de consolidação, chamado pelo autor de underground. A estes, agregamos um quarto nível, que denominamos *deep underground*, um eixo expressivo de circuitos na midiosfera de extrema direita, composto principalmente por grupos clandestinos e

subculturas online, cuja moeda corrente é o ódio digital que expressa em fóruns com baixos ou inexistentes níveis de moderação.

Estes fluxos manifestam-se através de circuitos os quais, segundo Carlón (2021) se dão entre os níveis mídias de massa, mídias sociais, underground. Agregamos a este um quarto nível, o *deep underground*, que corresponde à circulação nas camadas mais profundas da rede, nas quais circulam livremente e sem a desregulamentação da mídia visível todo o tipo de extremismo e discriminação (movimentos neonazistas, grupos criminosos, subculturas web, etc.). Neste nível, a estrutura binarista se dissemina no sentido de não apenas manifestar sua oposição ao outro, mas de trabalhar ativamente pela eliminação do outro, em práticas criminosas.

Referências

AFONSO, N.; SOARES, G. "Vândalos falavam de ‘Festa da Selma’ para convocar ataques em Brasília". *UOL*, 2023. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/01/08/vandalos-festa-selma>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BELINSKAYA, Yulia. "Insider News” on Russian Telegram: Resembling Truth, Proximity, and Objectivity. *Journal of Applied Journalism & Media Studies*, online first, 1–26, 2023. Disponível em: https://doi.org/https://doi.org/10.1386/ajms_00108_1. Acesso em: 13 mar. 2024.

BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. *T*he disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. *European Journal of Communication*, V. 33, N.2, p. 122-139, 2018. https://doi.org/10.1177/0267323118760317

BRAGA J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda. (Orgs). *Mediação & Midiatização*. Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012. Disponível em: https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf. Acesso em: 13 mar. 2024.

CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso*: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CRUZ, E. G.; HARINDRANATH, R. WhatsApp As "technology of life": Reframing Research Agendas. *First Monday*, v. 25, n. 12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5210/fm.v25i12.10405>. Acesso em: 11 jan. 2024.

DALMOLIN, A. R. The Circulation of Disinformation on Platforms in Brazil. In.: FERREIRA, J., et. al. *Mediatisations North and South Epistemological and Empirical Perspectives from Sweden and Brazil*. p. 113-124. Huddinge (Sweden): Södertörn University, 2024.

DALMOLIN, A. R.; MATHIAS, M.E. The Green-and-Yellow Black Box: Mobilization on Platforms Toward the Attempted Coup on January 8, 2023. In.: CAFFAGNI, L; Löfgren, I; MARTINS, G; SARTORETTO, P. *The Planalto Riots: Making and Unmaking a Failed Coup in Brazil*. Institute of Network Cultures, Amsterdam 2024, pp. 79-98.

FERNÁNDEZ, J. L. *Vidas Mediáticas*: entre lo masivo y lo individual. Buenos Aires: La Crujía, 2021.

FONSECA, B.; SCOFIELD, L. Bolsonaristas usam código "Festa da Selma" para coordenar invasão em Brasília. *Agência Pública*, 8 jan. 2023. Disponível em: <https://apublica.org/sentinela/2023/01/bolsonaristas-usam-codigo-festa-da-selma-paracoordenar-invasao-em-brasilia/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

LARSSON, A. O. Right-wingers on the rise online: Insights from the 2018 Swedish elections. *New Media and Society*, V. 22, N. 12, 2020, p. 2108–2127. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444819887700>. Acesso em: 11 jan. 2024.

MELLO DOS SANTOS, K. J.; DALMOLIN, A. R. Estratégias Discursivas de Influenciadores Digitais na Campanha de Atendimento Precoce da Covid-19. *Brazilian Creative Industries Journal*, v. 3, n. 1, p. 1–22, jan.-jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/braziliancreativeindustries/article/view/3209>. Acesso em: 2 jul. 2023.

MUDDE, C. The far right today. Cambridge: Polity Press, 2019. RIBEIRO, D. M.; MENDES, C.; ALZAMORA, G.. A RELAÇÃO ENTRE CRENÇA E VERDADE NO CONTEXTO DA DESINFORMAÇÃO: abordagens semióticas sobre os atentados de oito de janeiro. In: *ANAIS DO 32° ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em:https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-relacao-entre-crenca-e-verdade-no-contexto-da-desinformacao-abordagens-semioti?lang=pt-br. Acesso em: 13 mar. 2024.

ROCHA, J. C. C. *Guerra cultural e retórica do ódio*: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

ROCHA, J. C. C. *Bolsonarismo*: Da guerra cultural ao terrorismo doméstico: Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SILVEIRA, A. C. Midiosfera disruptiva: desafios epistêmicos-comunicacionais da noticiabilidade midiatizada. *Anais do 33° Encontro Anual da Compós*, Universidade Federal Fluminense, 2024. Disponível em: https://proceedings.science/compos/compos-

2024/trabalhos/midiosfera-disruptiva-desafios-epistemico-comunicacionais-da-noticiabilidade-mid?lang=pt-br. Acesso em 12 ago. 2024.

SODRÉ, M. *A sociedade incivil*: mídia, liberalismo e finanças. Petrópolis: Vozes, 2021.

UDUPA, S. Extreme speech. In C. STRIPPEL, S. PAASCH-COLBERG, M. EMMER, & J. TREBBE (Eds.), *Challenges and perspectives of hate speech research*. Berlim: Leibniz-Institut für Sozialwissenschaften, 2023, pp. 233-248. Disponível em: https://doi.org/10.48541/dcr.v12.14. Acesso em 12 ago. 2024.

VAN DIJCK, J. *The Culture of Connectivity*: A Critical History of Social Media. London: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. *The Platform Society*: Public Values in a Connective World. London: Oxford University Press, 2018.